

## A poética do imaginar: a aprendizagem e os feitiços de Rubem Alves

Angelica Tostes<sup>1</sup>

### Pra conhecer deus

*Um certo rapaz quis conhecer a deus  
entrou pra igreja, fez seminário  
aprendeu grego, hebraico, homilética e patrística  
sabia tudo quanto era escola do pensamento  
desde o medievo até o contemporâneo  
e todas essas demais coisas de gente especialista.  
Tinha método, sistema, técnica e filosofia.  
Em um esforço hercúleo conseguiu arregimentar, vejam vocês: ciência, lógica e teologia!  
Mas com o tempo enfasiado de analisar um objeto que sequer existiria  
resolveu consultar um sábio, pra ver o que ele lhe dizia  
e sem delongas nem firulas o rapaz perguntaria:  
ó mestre o que eu faço para enfim conhecer a deus?  
Ao que o sábio lhe respondeu:  
tu já experimentas-te poesia?*

*[Pois bem jovem rapaz é preciso que comece por fazer amor com ele]*

[giovanni catenaci, 2017]

O caminho que farei com vocês é um caminho circular. Desacredito na linearidade das coisas, penso que a espiral tem muito mais sentido, principalmente quando pensamos a educação e os processos de aprendizagem. Então, vamos juntxs nessa construção de mutirão para pensar a poética do imaginar. Vamos costurando essa trama com tantas outras linhas, mas nosso primeiro ponto dessa prosa é o corpo.

Corpo como espaço potência criativa e novos horizontes, corpo que sente o mundo, corpo que é mundo. Para Rubem Alves, o corpo é o ponto de partida de tudo, pois afinal, experimentamos o mundo e somos atravessados por ele através do corpo. Rubem sempre indagou: “Não é o corpo o centro absoluto de tudo, o sol em torno do qual gira o nosso mundo?” (ALVES, 1985, p. 32). A teóloga Ivone Gebara responde essa pergunta dizendo que o corpo é “o centro de todas as relações, corpo

---

<sup>1</sup> Teóloga, mestra em Ciências da Religião. E-mail: angelicatostes@gmail.com

do qual partem todos os problemas e para o qual tendem a convergir todas as soluções” (GEBARA, 2016, p. 90).

Entretanto, as marcas de opressão do corpo estão em todas instituições que buscam controlar e manipular as potencialidades, e com isso, controlam todo processo imaginativo. Rubem Alves perguntava: por que se tem tanto medo do corpo? Por que ele assusta? Ivone Gebara responderia, a partir da teologia feminista e do corpo de mulher, que alguns corpos questionam toda estrutura do poder.

Podemos recorrer, academicamente, aos estudos do Foucault, em seus estudos sobre como é trabalhado a lógica da punição como de instituições como família, hospitais, prisões e escolas. Rubem dizia que tudo isso foi feita para que nos esqueçamos de si e nos entreguemos “às exigências da realidade” (ALVES, 1985, p. 157). É interessante pensar em como para Rubem Alves a escola era uma prisão, o quanto em seus textos, na sua famosa tese doutoral, é evidente suas batalhas das amarras acadêmicas, de palavras-corpos que queriam explodir, porém, pelo rigor e técnica deviam ser contidas, comportadas, submetidas aos exames e pareceristas.

Quando o corpo é controlado a imaginação é perdida. Por que será que nas ditaduras querem calar os poetas, as artistas, cantores e cantoras? Um corpo livre significa a imaginação pensando e criando utopias. Para Foucault: “o corpo humano é o ator principal de todas as utopias.”

Gosto quando ele, Rubem, no ensaio ‘corpo com asas’ diz, ao observar sua neta, que a vê como que saindo de casulo, como que transformada em uma borboleta: “Não! Borboletra..., ela aprendeu a falar, e as palavras lhe deram asas.”

Mais à frente desse lindo ensaio, lança o seguinte feitiço

Palavras, coisas etéreas e fracas, meros sons. No entanto, é delas que o nosso corpo é feito. O corpo e a carne é o sangue metamorfoseados pelas palavras que aí moram. Os poetas sagrados sabiam disto e disseram que o corpo não é feito só de carne e sangue. O corpo e a Palavra que se fez carne: um ser leve que voa por espaços distantes, por vezes mundos que não existem, pelo poder do pensamento. (1994, p.55)

Igreja e escola têm tantas coisas em comum... uma delas é o pensamento feito das certezas, um pensamento de dados e não algo contextual, processual. Além de toda disciplina do corpo, da mente, do comportamento. Hermann Hesse, autor que Rubem Alves prezava muito, dizia no livro *Demian* que “A ave sai do ovo. O ovo é o mundo. Quem quiser nascer precisa destruir um mundo.” (HESSE, 2019, p. 111)

Quantos mundos são necessários destruir para redescobrir as potencialidades poéticas da imaginação? De um corpo que imagina? A metáfora usada por Rubem Alves era que o raspar as tintas. Gosto de pensar também nos tecidos, nas roupas que nos vestem desde a criação do mundo, nas amarras sociais, nos espartilhos, nos saltos, nos sutiãs, em tudo aquilo que faz o corpo não se mover livre. Mais à frente da citação do raspar as tintas, do desaprender o mundo para aprender novamente, Rubem Alves diz que temos que “Desencaixotar emoções, recuperar sentidos.”

Privados do corpo e sentidos, somos privados da imaginação.

E a imaginação, por assim dizer, é subversiva. Diria Rubem: “A imaginação é sempre subversiva, porque as exigências do prazer impõem a destruição das coisas que existem e o começo das coisas que não existem ainda” (ALVES, 1985, p 157). Por isso é preciso desbravar novas imaginações teológico-pedagógicas, pensar novas palavras, deixar descansando outras tantas, como Deus, Trindade, assim diria Ivone Gebara (2016)... e deixar a imaginação livre!

### **Desescolarizar e decolonizar a si: raspar as tintas**

Partilhando um pouco do meu processo como uma teóloga-educadora, o processo de desescolarização foi muito importante para a possibilidade de repensar deuses e deusas. Particpei de um projeto chamado Escola com Asas, em que educadores, educadoras, pais, mães, tios e tias partilhavam juntos e juntas os saberes, esse projeto foi organizado pela Sabrina Bittencourt, que já não está mais entre nós, mas fica o legado de resistência e utopias. Outra pessoa fundamental foi Ana Thomaz, que pensa que a desescolarização é o tirar a escola de nós, e que é um caminho para o resto da vida, que sempre vão aparecendo elementos da escola em nós. Podemos aqui pensar na competição, na disciplina, já mencionada aqui e todos os processos coloniais de nosso ensino.

Outros processos que derivam de uma educação colonizadora. Nos processos de imersão educacional, tive a oportunidade de conviver com um “deseducador”, se posso nomeá-lo assim, chamado Marcelo Sando. Algo me marcou dos últimos encontros que tive com ele sobre o processo da escola, e como regatar o conceito do *scholé* grego era importante, como esse espaço de criatividade, de diálogo, de aprendizagem por afeto, convivência e troca. E ele disse que os processos educacionais atuais são desarticuladores e imobilizantes. E acrescentaria algo a mais, a partir das minhas leituras de Luiz Antônio Simas e Luiz Rufino, o desencantamento.

○ primeiro ponto é a desarticulação dos conhecimentos, saberes fragmentados em anos, salas, currículos, disciplinas, notas... tantas e tantas coisas que não buscam outras compreensões de mundo. Como diria Rubem Alves,

○ estudo da gramática não faz poetas. ○ estudo da harmonia não faz compositores. ○ estudo da psicologia não faz pessoas equilibradas. Assim como o estudo das “ciências da educação” não faz educadores. Logo, educadores não podem ser produzidos. Educadores nascem. (ALVES, 1980)

Ver o mundo como etapas a serem passadas, não como algo interconectado, integrado, é desarticular saberes para a transformação. O mundo linear e não circular. Como já ouvi uma vez, “água parada dá dengue”, nosso conhecimento deve correr na leveza dos rios, conhecimentos que se misturam, trajetórias e linhas que se cruzam.

Um segundo ponto é a desmobilização, a partir dessa fragmentação do saber, ensinamos a competitividade. Humberto Maturana, biólogo e educador, têm inúmeros estudos dos quais dizem que essa lógica da competitividade é aprendida, mas que deveríamos focar na lógica da cooperação, a nossa predisposição natural:

[...] não desvalorizemos nossas crianças em função daquilo que não sabem: valorizemos seu saber. Guiemos nossas crianças na direção de um fazer [saber] que tenha relação com seu mundo cotidiano. Convidemos nossas crianças a olhar o que fazem e, sobretudo, não as levemos a competir (MATURANA, 2007, p. 35).

Não gosto de pensar que a educação é a responsável de eu enxergar o outro como meu inimigo, mas por muitas vezes assim o é: vestibular, notas, rankings. E isso vem a partir da lógica da educação bancária, já dizia Paulo Freire, que enxergava que essa desmobilização começa a partir do corpo docente: “Na visão ‘bancária’ da educação, o ‘saber’ é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber”

(FREIRE, 2005). Freire continua: Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual está se encontra sempre no outro” (FREIRE, 2005).

A desmobilização vai além da sociabilidade, mas também, da própria curiosidade. Por muitas vezes a escola responde perguntas que não estão sendo feitas, e as que são feitas, se esquivava, gosto desse diálogo imaginativo (mas nem tanto):

- Professor, como que acontece a explosão dos vulcões?

-Ah querido alunx, isso você verá apenas no sétimo ano!

Para a pensadora feminista negra e escritora afro-budista bell hooks , a ‘educação é sobre uma prática da liberdade’. hooks pensa que esse processo e prática de liberdade tem o horizonte amoroso, uma liberdade que é interconectada com os seres, enraizada no amor e no corpo. Um corpo que ao se respeitar, e não oprimir, consegue respeitar o próximo. Maturana dizia que: “a tarefa da educação escolar é permitir o crescimento das crianças como seres humanos que respeitam a si próprios e os outros com consciência social e ecológica, de modo que possam atuar com responsabilidade na comunidade a que pertencem” (MATURANA, 2000, p. 13).

O terceiro ponto é o desencanto: quando não há articulação de saberes e cooperação, o encanto e a curiosidade, como já vimos, se vai, e o que sobra é o desencanto. Então, é tarefa dos educadores e educadoras, re-encantar a vida, como os feitiços o qual Rubem Alves sempre falava... É o encantamento radical da vida em nosso território, é a integração “entre o visível e o invisível (materialidade e espiritualidade) e a conexão e relação responsiva/responsável entre diferentes espaços-tempos (ancestralidade)” (SIMAS; RUFINO, 2020). Resgatar a educação popular, a ciência popular, ou como diria Luiz Rufino “ciência encantada”:

Quando a gente pensa em uma “ciência encantada” a gente não está falando de subversão. A gente não está negando a racionalidade moderna ocidental e propondo uma via subalterna. A dimensão do cruzo é justamente você assumir a capacidade de ser polirracional, pluriversal e plurilinguista. (2018)

Encantar os processos de aprendizagens, a linguagem, a religião, para isso, precisamos nos reencantar com o mundo, mesmo que seja uma tarefa muito difícil. Para isso temos os escritos de poesia, do próprio Rubem Alves, e de tantos outros e outras pensadoras de nossa América Latina. É necessário resgatar “a poética do encantamento como fonte de criatividade e caminhando com pensamento que emerge da terra e de experiências de corpos plurais, o que chamamos de teorias decoloniais” (TOSTES; ROCHA, 2020).

### **Pensando caminhos imaginativos para a educação teológica**

Rubem Alves dizia que os teólogos e teólogas são contadores de histórias... pois bem, contarei uma. Quando entrei na graduação de teologia, e os anos passando, as inquietações borbulhando, tinha quase um mantra: fiz teologia para descobrir que era antropologia ou ciências da religião. Bem, por que eu dizia isso? Eu, que já sofri tanto por insistir na teologia como ofício... Eu tinha tal mantra porque a teologia que aprendi na universidade-protestante-calvinista não comunicava comigo, não tinha sentido. Estava experienciando vivências inter-religiosas, de múltipla pertença, e não havia linguagem para construir isso! Pois o que aprendi foi SOLA SOLA SOLA... só se for de sapato, né? Sapatos que podem nos levar para novas compreensões divinas, de nós mesmos, de outros saberes e sabores religiosos....

A teologia que muitos seminários e graduações ensinam carecem do corpo, ou seja, carecem da potência da imaginação. Por isso gosto bastante, bastante mesmo, do conceito de polidoxia! Nada, nem ninguém detém o monopólio divino. Está além da dicotomia ortodoxia e heresia! É a assumir a multiplicidade, a relacionalidade e o não-saber. A polidoxia como uma potência de continuação criativa da teologia cristã, como uma resistência a univocidade da narrativa, doutrina, credo da tradição. Mas indo além mesmo da própria tradição cristã. Pois, reforça a abertura aos processos da construção teológica às margens, que são descredibilizadas por aqueles que defendem a fé como uma unidade plena. (TOSTES, 2020, p. 201-205)

O processo desse re-encantar a teologia, se passa por assumir o não-saber. É impossível para mim pensar uma educação teológica que não trabalhe a dimensão do interfé, que não desconstrua preconceitos que são baseados no racismo estrutural de nossa sociedade. Por isso é preciso aprender com os encantados e encantadas, das

pedagogias da encruzilhada que Luiz Rufino propõe, das pedagogias de nossas companheiras dos feminismos decoloniais em Abya Yala que respeitam as ancestralidades, repensar nossa identidade latino-americana e o quão ainda bebemos das epistemologias do Norte como as únicas verdades, únicos conhecimentos.

Certamente, reimaginar um mundo onde as epistemologias ético-espirituais africano-ameríndias sejam respeitadas é repensar conjuntamente como o processo de escolarização baseado nessa subjugação, negação e divisão que privilegia uma estrutura de pensamento em detrimento de outra e cria hierarquias de saberes pode ser reorientado para uma “perspectiva intercultural política, epistêmica, ideológica e espiritual dos movimentos africano-ameríndios de África e Abya Yala para reencantar a vida e a existência.” (TOSTES; ROCHA, 2020)

○ legado de Rubem Alves são as asas nas palavras, nas epistemologias, nos grandes conhecimentos, teólogos... Deixe voar! Algumas para bem longe! Outras que veja o mundo, volte, e crie caminhos, novos saberes, que respeitem a cultura, o povo, os corpos.

Confesso, que como teóloga feminista, me cansa leituras das quais não toque a carne, o íntimo, que não fale de cotidianos, de saberes da terra, dos povos! No ano de 2021 é o centenário de Paulo Freire, e me pergunto: ○ quanto temos partilhado de Paulo Freire, da Educação Popular, para os futuros teólogos/teólogas? A universidade me deu o diploma, mas quem me formou teóloga, de fato, foram os movimentos populares e ecumênicos! Lembro-me de um amigo em comum de Rubem Alves, o professor e reverendo Luiz Carlos Ramos, uma vez ele disse que temos, religiosos/religiosas, pés no chão e olhos nas estrelas. Ouvir estrelas, como diria Olavo Bilac, é importante, e caminhar e lutar com os companheiros e companheiras para a construção de outros mundos, outros horizontes é igualmente importante.

Estamos em um sistema que não possibilita a imaginação. Estamos cansados, exaustas depois das múltiplas jornadas de trabalho e para nos distrair nos conectamos aos nossos celulares, ao Netflix, e encontramos cada vez mais barulhos, mais informações e menos formações, ansiedades, bombardeios de publicidade: “você precisa disso, daquilo, você precisa de tudo aquilo que você não tem!”. O capitalismo manipula bem nossos desejos... E como leitores e leitoras de Rubem Alves, que

possamos prezar o pôr-do-sol único que o céu nos brinda diariamente, os caquis, os ipês amarelos, caminhar sem rumo vendo o movimento e que possamos conversar com nossos alunos, alunas não de maneira hierarquizada, mas abertos e abertas para novas aprendizagens com eles.

Não podemos deixar que a educação teológica impeça a nova geração, da qual eu também faço parte, de pensar novos caminhos, navegar por outros rios, encontrar novos prismas dos raios solares... Nossa tarefa é vislumbrar outras fagulhas desse conhecimento religioso, que atravessam diversas áreas dos saberes humanos, e que devem ser examinadas com o respeito ao solo sagrado do Outro. As divindades, as quais amamos estudar, não podem ser definidas, mas experimentadas no corpo, na carne e nas pequenas salvações cotidianas, como diria nossa querida Ivone.

### **Considerações quase-finais**

Não há uma consideração final quando se fala em Rubem Alves. Dessa maneira, busco encerrar esse capítulo com um conto que escrevi em meados de 2017, inspirada pela leitura de Jorge Luís Borges e, claro, Rubem Alves em seu livro, meu preferido, *Variações sobre a Vida e a Morte* (1985). Deixo aqui esse fragmento chamado *O Deus Inacabado* (TOSTES,2016):

#### *O Deus inacabado*

Conheci Deus na sala de aula do primário. Ele estava aprendendo o bê-a-bá junto com as crianças daqui da Zona Leste de São Paulo. Confesso que ele era um garoto espoleta, bem daquele jeito que Alberto Caeiro descreveu “é o divino que sorri e que brinca”. Brincávamos bastante de detetive, eu sempre tentava descobrir mais um pouquinho da sua personalidade, mas ele, sendo Deus, um ser em eterna construção, acabava sempre me enganando e dávamos boas risadas.

Quando relembro essas memórias de infância me vem uma melodia quase-divina na mente, não me lembro onde ouvi, mas tenho minhas pistas que foi Deus que me mostrou quando éramos crianças. Melodia que lembra uma canção de ninar, com um toque das músicas de ciranda e um tambor suave marcando o ritmo. Talvez seja a música que está pelo Universo e ressoa em cada coração vivente, o som da vida, o ritmo do pulsar, o gingado do divino.



O tempo foi passando, eu fui crescendo, e acabamos nos distanciando. Sabe como é, né? Adultecemos. Mas, novamente cito Caeiro, “ele é a Eterna Criança”. Ele continuou a me chamar para brincar, mas eu me recusava pois já me dizia crescida. Não estudamos na mesma escola no ensino médio, soube por outros amigos que ele já estava escrevendo poesias e organizava um sarau na periferia da Zona Leste.

O reencontrei depois na faculdade. Eu estava estudando teologia, e ele literatura. Marcamos um chazinho da tarde (Deus adora chá de camomila com mel). Como foi delicioso reencontrá-lo. Conversamos sobre tudo. Todas as nossas fases, mudanças, relembramos a nossa infância na escola e das travessuras que aprontávamos. Ele me contou que havia se tornado poeta e que por isso estava na graduação de literatura, não sabia qual seria seu tema de pesquisa, pois amava todos os poetas do Brasil.

Papo vai, papo vem, e não pude deixar de perguntar o porquê de ele não ter optado por estudar Teologia, já que era Deus e deveria aprender mais sobre ele mesmo, expliquei que o autoconhecimento era importante e que achava que seria interessante ele estudar teologia. Mas aí, na simplicidade de um Deus respondeu:

– A teologia e os teólogos pouco falam de mim. Eu estou mesmo é nos livros de ficção, na poesia e nos contos mais diversos. A literatura fala mais sobre mim do que a teologia, ela compreende que estou sempre em mutação, que sou um ser ambíguo, complexo e do povo. Não fica tentando me definir e nem colocar em dogmas eclesiásticos. Optei por literatura, e principalmente pelo estudo da poesia, porque ela capta a essência do meu ser, um ser inacabado.

Ficamos em silêncio por um tempo. Estava tentando digerir essa ideia do inacabamento de Deus, coisa difícil de se pensar. E disse:

– Como assim inacabado? Não sei se entendi direito.

– Lembra quando aprendi a ler e a escrever contigo? Então, está aí um bom exemplo! Sou um ser inacabado porque sou um ser em eterna construção de si mesmo, assim como todo mundo. Como aprendi a ler e escrever, aprendo o resto das coisas com vocês. Eu preciso aprender e apreender a beleza do mundo. E não apenas as belezas, mas as contradições. Não sei lidar com muita coisa nesse caos todo, mas a

poesia me ajuda a identificar os pontos obscuros da vista. A ser menos cego e mais consciente e observador. O que tenho aprendido recentemente é que para mudar o mundo é preciso ter a visão do todo. A visão do todo inclui a visão em partes, mas o todo é maior e mais importante que as partes. Quando fechamos os olhos por um tempo e o abrimos de repente, não vemos as coisas com mais nitidez? Talvez seja preciso fechar mais os olhos para poder abrir os horizontes de transformação. Quem muito vê nada observa. E é por isso também que não quis fazer teologia. Os teólogos teimam em dizer que me veem, mas nada observam sobre mim. Fazem discursos eloquentes sobre os meus atributos (dos quais não tenho quase nenhum) mas não conseguem silenciar diante da nuvem do não-saber. Sou um Deus aprendente.

Nesse dia continuamos na temática por horas a fio. Esse é apenas um breve relato de uma de nossas conversas. Depois do reencontro começamos a nos ver todos os dias, ele compartilhava seus estudos de literatura e poesia e eu as descobertas das diversas teologias libertadoras. Essa troca nos tem rendido ótimas ideias e grande diálogos. Estamos sempre aprendendo um com o outro e essa é a grande beleza de nossa relação. Ele é um Deus aprendente e eu uma aprendente de Deus.

### **Bibliografia**

ALVES, Rubem. Conversas com quem gosta de ensinar. São Paulo: Cortez, 1980.

\_\_\_\_\_. A Alegria de Ensinar. 3 ed. São Paulo: Ars Poética. 1994.

\_\_\_\_\_. Variações sobre a Vida e a Morte: o feitiço erótico-erótico da teologia. 2 ed. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985

FOUCAULT, Michel. El cuerpo utópico, 1966. Disponível em: <<http://www.pagina12.com.ar/diario/psicologia/9-155867-2010-10-29.html>>.

Acessado em: Ago. 2014

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42.<sup>a</sup> edição.

GEBARA, Ivone. "Corpo, novo ponto de partida da teologia". In: RIBEIRO, Cláudio(org.). *Rasgando o Verbo: Teologia Feminista em foco*. São Paulo: Fonte Editorial, 2016.

\_\_\_\_\_. Deus uma palavra escorregadia. IHU Unisinos, 2016. Disponível em <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/555932-deus-uma-palavra-escorregadia> > Acesso em < 09 de jan de 2021 >

HESSE, Hermann. *Demian—A História da Juventude de Emil Sinclair*. Leya, 2019.

hooks, bell. *Teaching to Transgress: Education as the Practice of Freedom*. New York: Routledge, 1994

MATURANA, H.; REZEPKA, S. N. *Formação e capacitação humana*. Petrópolis: Vozes, 2000.

MATURANA, H.; VERDEN-ZÖLLER, G. *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano*. São Paulo: Palas Athena, 2007.

RUFINO, Luiz. [Entrevista] Luiz Rufino e Luiz Antonio Simas; Suplemento Pernambuco. 2018. Disponível em <<https://suplementopernambuco.com.br/entrevistas/2111-entrevista-luiz-rufino-e-luiz-antonio-simas.html> > Acesso em < 12 de dez. de 2020 >

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. *Encantamento: sobre política de vida*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020.

TOSTES, Angelica. "Polidoxia". In: RIBEIRO, Claudio de Oliveira; ARAGÃO, Gilbraz; PANASIEWICZ, Roberlei (orgs.). *Dicionário do Pluralismo Religioso*. São Paulo:Recriar, 2020.

\_\_\_\_\_. O deus inacabado. In *Angeliquisses*. Disponível em <<https://angeliquisses.com/2017/02/16/o-deus-inacabado/> > Acesso em <18 dez de 2020 >

TOSTES, Angelica; ROCHA, Felipe. *Pedagogia Popular Interfé frente à intolerância religiosa no Brasil*. Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil, 2020.

Disponível em < <https://conic.org.br/portal/noticias/3636-pedagogia-popular-interfe-frente-a-intolerancia-religiosa-no-brasil> > Acesso em < 20 de dez de 2020 >